

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE CONTADORES NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Carlos Lima França

Aluno do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis

Os formandos em Ciências Contábeis no Município do Rio de Janeiro, oriundo de entidades particulares, em muitos casos, não estão preparados para atuarem de imediato no mercado de trabalho.

O ensino superior no Brasil já há algum tempo vem recebendo críticas de professores, alunos e de estudiosos do assunto. Estudos têm sido feitos evidenciando que a formação em nível superior, principalmente nos cursos com ênfase profissional, não atende de maneira satisfatória àquilo que se espera dos profissionais que são colocados à disposição do mercado de trabalho.

Exames de suficiência exigidos por algumas categorias profissionais e o mais recente *Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras*, chamado vulgarmente de “provão”, têm demonstrado o despreparo dos egressos das diversas universidades para exercerem, de imediato, a profissão escolhida.

O ensino de Contabilidade está inserido no contexto geral e, portanto, arca com os mesmos problemas que os demais cursos de nível superior.

Esse problema é facilmente observado através de anúncios de jornais com ofertas de empregos para profissionais com três ou mais anos de experiência, frisando não raras vezes, a não-aceitação de recém-formados, ou que sejam oriundos de universidades particulares, por considerarem que, em muitos casos, estes

não estão preparados para atuar, de imediato, no mercado de trabalho.

Discute-se em congressos, convenções, palestras e outros foruns, a necessidade de se preparar os estudantes dos Cursos de Ciências Contábeis para serem os profissionais do século XXI. Estamos em 1998 e os currículos continuam a não atender, segundo alguns empresários, às necessidades do mercado cada vez mais competitivo.

Mas quais são, efetivamente, as necessidades do mercado? A discussão sobre esse questionamento surge com certa frequência em reuniões dos departamentos de Contabilidade nas academias, onde opiniões sérias são permeadas com “achismos”, sem contudo se tirar conclusões baseadas em pesquisas.

A Contabilidade empresarial enfrenta, constantemente, modificações impostas por mudanças nas políticas econômica, tributária, trabalhista, etc., obrigando os profissionais a uma reciclagem sistemática e um acompanhamento periódico das alterações impostas por tais políticas.

Até onde e, com frequência, os profissionais de ensino estão se preparando para enfrentar o “desafio” de se atualizarem em conteúdo, práticas contábeis atuais, técnicas e metodologia de ensino, para adequarem a *mão-de-obra* que estão preparando ao mercado de trabalho?

As faculdades e universidades particulares proporcionam condições para que os profissionais de ensino satisfaçam o questionamento anterior?

Para MARION, a universidade, ou qualquer instituição de ensino superior, é o local adequado para a *construção de conhecimento*, para a formação da competência humana. É preciso inovar, criar, criticar, para atingirmos esta competência.

Segundo o autor, todavia, o que encontramos nas instituições de ensino superior, principalmente na área contábil, são verdadeiros centros de treinamento de recursos humanos, oferecendo diplomas de curso superior, atendendo ao ego da maior parte da população. Em outras palavras, são feitas cópias do conhecimento alheio na transmissão dos professores para os alunos.

Na opinião de MARION, estas instituições de maneira geral são apenas *fiões* que levam a energia gerada. Elas se propõem simplesmente a transmitir o conhecimento através de mera cópia daquilo que já existe. Não criam, não inovam, não ensinam os alunos a *construir conhecimento*.

A função primordial das Faculdades de Ciências Contábeis é de melhor preparar o futuro profissional para as reivindicações dos usuários da contabilidade.

É incontestável a necessidade de adequação do atual estudante de Ciências Contábeis à realidade econômica em crescimento e à social em rápidas mudanças.

É exatamente esta a função primordial das faculdades de Ciências Contábeis: a de adequar as exigências do meio econômico-social à estrutura e nível do ensino, com o objetivo de melhor preparar o futuro profissional contábil para atender às reivindicações cada vez mais variadas e complexas dos usuários da contabilidade.

A Resolução nº 3 de 05/10/93 do Conselho Federal de Educação, em seu artigo 5º, estipulou em 2.700 horas/aula para o curso de Ciências Contábeis e a duração máxima de 7 (sete) anos e mínimo de 4 (quatro) anos em curso diurno, e de 5 (cinco) anos, no caso de curso noturno.

Estudo recente, realizado com base em caderno emitido em 1997 pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior, com dados relativos a 1996, revelou que 90 (noventa) por cento dos cursos de

Ciências Contábeis oferecidos em todo o Brasil são ministrados no período noturno.

Se levarmos em conta que a grande maioria das faculdades que mantêm o curso de Ciências Contábeis são de cunho particular e filiadas a Associação de Mantenedoras, podemos concluir que o referido curso teve sua duração aumentada para cinco anos.

Esperava-se que o aumento de carga horária viesse suprir lacunas até então verificadas, e que os profissionais saídos das universidades estivessem *prontos* para assumir o seu lugar no concorrido mercado de trabalho. Entretanto, o que se tem observado é que com a redução da demanda na procura pela formação de Bacharel em Ciências Contábeis, em função da dilatação do prazo de conclusão, as universidades vêm buscando artifícios para tornar mais atraentes os referidos cursos sem, no entanto, oferecer como atrativo a melhoria da qualidade do ensino.

Segundo Koliver, muitos – talvez a metade – dos cursos de Ciências Contábeis não propiciam um nível de conhecimento suficiente para o exercício profissional, donde resulta uma verdadeira proliferação de cursos de *especialização*, cujo conteúdo, em verdade, nada mais representa do que a repetição de programas que deveriam ter sido desenvolvidos durante a própria graduação.

A adequação dos currículos às qualidades que hoje se esperam de um profissional de contabilidade não é tarefa das mais fáceis; entretanto, pesquisa de campo junto a empresas privadas situadas no município do Rio de Janeiro, com questionários direcionados à verificação das deficiências encontradas nos novos profissionais da área contábil, contribuiria de forma concreta para orientar as instituições de ensino, no sentido de reformular o conteúdo programático.

Pesquisa junto a instituições de ensino de Ciências Contábeis do município do Rio de Janeiro, com questionários direcionados à verificação dos conteúdos programáticos, forneceriam dados relevantes para atualização dos currículos.

Tabulação dos dados levantados e análise das diferenças de objetivos, entre os pontos de vista do meio acadêmico e do

empresariado, quanto ao perfil do profissional de contabilidade, permitiriam uma visão analítica do que pode ser mudado, para extinção ou, pelo menos redução do problema.

A busca de ex-alunos, com suas experiências profissionais, suas dificuldades e sucessos, assim como entrevistas com profissionais já estabelecidos em empresas ou trabalhando por conta própria, seriam, através de seus depoimentos, fontes incontestes de informações sobre a validade e atualidade dos conteúdos dos currículos.

Qualquer caminho que se busque para tornar o profissional de contabilidade possuidor de mão-de-obra qualificada passa, obrigatoriamente, pela qualidade do corpo docente.

VASCONCELOS, em sua Tese de Doutorado, nos diz que a educação inicia-se no âmbito familiar e prossegue nas escolas nos níveis fundamental, médio e superior. Sendo o nível superior considerado a última etapa de formação dos indivíduos, logo, pela escola formal, é a oportunidade final induzida de preparação do profissional para o mercado de trabalho.

FRANCO afirma que, não dispondo da indispensável bagagem cultural, o indivíduo que se aventura ao exercício de uma profissão estará provocando irreparável dano à sua categoria profissional, sujeitando-se, portanto, a ser responsabilizado por tal comportamento.

O autor enfatiza que o ensino em nosso país está, em todas as regiões, áreas de estudo e graus de escolaridade, ressaltadas sempre as raras e honrosas exceções, em estado de preocupante e lamentável retrocesso. *O ensino de contabilidade, infelizmente, não foge à regra.* A educação superior necessita assumir maior responsabilidade com relação aos outros níveis de educação. A educação depende, em parte, da responsabilidade de professores treinados para fazer face aos novos desafios de uma mudança sem precedentes na história da humanidade. É através do desenvolvimento de qualificação que poderemos diminuir a distância que nos

separa dos países desenvolvidos e, então, reduzir nossa dependência de técnicas e ajuda científica.

Qualquer caminho que se busque, para tornar o profissional de contabilidade possuidor de mão-de-obra qualificada passa, obrigatoriamente, pela qualidade do corpo docente.

Os programas de pós-graduação, Mestrado e Doutorado em Ciências Contábeis são, sem dúvida além da experiência profissional, os meios pelos quais os profissionais de ensino se tornam capazes de preparar os futuros Contadores para o mercado de trabalho, não com a visão deturpada de “*um mal necessário*” mas sim, como um colaborador indispensável na gestão dos negócios da empresa.

Programas dessa natureza são ainda, lamentavelmente, em número reduzido no Brasil, deixando, portanto, de atender à necessidade premente de profissionais de ensino do embasamento teórico e de oportunidade de pesquisa sobre a Ciência da Contabilidade. Nos poucos programas que são oferecidos, as vagas são disputadas por candidatos com cursos de graduação, não só em Ciências Contábeis mas também de áreas afins de conhecimento.

Existem críticos da abertura desses programas a possuidores de cursos de graduação em outras áreas, com a argumentação de que em curso de pós-graduação de outras categorias de profissionais, notadamente Médicos, Dentistas e Advogados, somente são admitidos possuidores de graduação dentro das áreas específicas.

Não resta dúvida de que as críticas visam à melhoria da qualificação profissional dos professores de contabilidade que teriam, segundo os críticos, maiores oportunidades de ingresso nos programas de pós-graduação sem a concorrência de graduados em outras áreas do conhecimento. Todavia, a seleção a que são submetidos os candidatos às vagas nos programas de pós-graduação, em geral é baseada em provas que buscam testar os conhecimentos específicos de contabilidade. Se os graduados em Ciências Contábeis não conseguem demonstrar conhecimentos mais aprofundados do que os candidatos com

graduação em outras áreas do conhecimento, a conclusão que se pode tirar é que não estão sendo preparados adequadamente.

Defender, simplesmente, o veto ao ingresso de graduados em outras áreas, sem atentar para o despreparo dos candidatos com formação contábil, é sem dúvida, *culpar a janela pela paisagem*.

BIBLIOGRAFIA

MARION, José Carlos. *O ensino de contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1996.

KOLIVER, Olivio. As universidades e o sistema CFC/CRCs. *Revista Brasileira de Contabilidade*, n° 106, jul./ago., p.28, 1997.

VASCONCELOS, Nanci Pereira. *Uma Contribuição Para a Melhoria da Qualidade do Ensino Superior De Contabilidade – Uma Abordagem Sistêmica*. São Paulo: FEA/USP, Tese de Doutorado, 1995.

FRANCO, Hilário. Formação cultural e profissão contábil. *Revista Brasileira de Contabilidade*. n° 76, jul./set., p.22, 1991.